



ENCONTRAR-SE EM VIAGEM: Atravessamentos de uma ocupação poética do entre

Mariana Danuza Corteze¹
Angela Raffin Pohlmann²
Eduardo Rocha³

Palavras-chave: viagem; ocupação poética; lambe lambe; fronteira Brasil-Uruguay; para-formal.

Este breve escrito é fruto de um projeto selecionado mediante ao Edital Universal CNPq 2014 “O para-formal na fronteira Brasil-Uruguay: controvérsias e mediações do espaço público”⁴ por meio do Laboratório de Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. O mesmo realizou experiência *in loco* na fronteira Brasil e Uruguai dos dias 14 a 19 de abril de 2016, contando com práticas de artistas, urbanistas, arquitetos, geólogos e tantas outras explorações que ultrapassam demarcações delimitadas por campos disciplinares. São diversas formas de ver, sentir e estar no mundo. Dentre elas, trago aqui, atravessamentos de uma viagem que propõe uma alternativa de como ocupar a cidade contemporânea poética e artisticamente, pensando-a como potência capaz de criar espaços e construir afetos.

O plano: percorrer cinco mil quilômetros de toda extensão da fronteira Brasil-Uruguay. O método: pesquisa-intervenção. O propósito: explorar a linha fronteira na vontade de expandir o fazer artístico para espaços outros, desenvolvendo uma poética que sobreponha tempos, presenças e percursos. Os apetrechos: mochila, cola, trincha, lambe lambe⁵. A rota: Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Santana do Livramento-Riveira, Quaraí-Artigas, Barra do Quaraí-Bella Unión, Aceguá-Aceguá.

Estrangeira até nesta página branca, oriento-me aqui, através de um relato de um tempo vivido, de um espaço indistinto, de uma viagem na margem. É como se vivê-la não bastasse, e assim, necessito contá-la, compartilhá-la. Por consequência, construo essa trajetória não ligada à expectativa da chegada, mas ao simples fato de

¹ PPGAV Universidade Federal de Pelotas. maricorteze@hotmail.com

² PPGAV Universidade Federal de Pelotas. angelapohlmann@gmail.com

³ PROGRAU Universidade Federal de Pelotas. amigodudu@yahoo.com.br

⁴ O projeto visa relacionar as cidades de fronteira Brasil-Uruguay com aproximações as para-formalidades e aos usos dos espaços públicos. O objetivo de tal, é reunir uma série de propostas de disciplinas diversas, que necessitam da experiência *in loco* com as cidades da fronteira, propondo para isso uma viagem de uma semana [ininterruptamente] por essas comunidades. Mais informações sobre o itinerário e desdobramentos: <http://www.paraformalnafronteira.com/>

⁵ Cartazes de rua, fixados com cola artesanal.





estar em movimento, em fluxo de transformação. É exercitar uma prática espacial, sensível, simbólica, estética e quiçá política. Onde quem sabe, sejamos aqui, uma experimentação de nós mesmos, pois querer a viagem é descobrir aquilo que já se é portador, tal como indica o filósofo francês Michel Onfray (2009):

Nós mesmos, eis a grande questão da viagem. Nós mesmos e nada mais. Ou pouco mais. Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. A volta ao planeta nem sempre é suficiente para obter esse encontro. Tampouco, uma existência inteira, às vezes. Quantos desvios, e por quantos lugares, antes de nos sabermos em presença do que levanta um pouco o véu do ser! (ONFRAY, 2009, p. 75)

Carregando tais pressupostos na mala, mergulho no emaranhado disperso e cotidiano das cidades da fronteira Brasil-Uruguay, onde a (re)territorialização se dá por meio da arte, abarcando uma prática artística que anseia alargar os sentidos para construir cidades mais poeticamente vividas. A proposição surge de modo a intervir nas cidades fronteiriças, sugerindo seu espaço como um lugar de troca, que necessita ser percebido, habitado e partilhado. Mas que lugar é esse? De que maneira intervir na margem? Como habitar/ocupar/pensar a fronteira a partir de uma intervenção artística? Como dialogar com seu entorno? Como criar desvios? Como provocar impulsos de desaceleração?

A estratégia é singela: intervir no espaço urbano da fronteira por meio da colagem de lambes artísticos, entendendo estes, como pequenas frestas de respiro ordinário. A ocupação dessas fendas, desses sulcos, é a forma que encontrei para deslocar estruturas congeladas à ínfimas ebulições. São movimentos lentos, ondulatórios, que gritam silenciosamente sua urgência de percepção. É deste modo, uma proposta que se encontra no meio, entre as coisas, compondo uma conjuntura que contém forças para sacudir e desenraizar o verbo ser.



Figura 1: Fixação de instantes (2016) Mariana Corteze

Com tal característica, procuro descobrir para a vida cotidiana, nas suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão, fazendo sobrevir um refúgio poético que olhe a cidade e as ruas em que se vive, com a intenção de despertar uma





sensibilidade para a vida mesma, consoante ao dia a dia. Desta maneira, a intervenção é um experimento que busca dar visualidade ao corpo urbano, mediante a uma prática que dá volume, evidencia camadas carnisais, abre feridas, e às vezes, as deixa exposta, fazendo pulsas suas sobrevivências. É o instante, o minuto, o segundo, onde a arte é capaz de afectar, sendo força geradora de caminhos outros.



Figura 2: Ser resistência (2016) Mariana Corteze

A partir do momento em que incorporo o lambe nas fissuras das cidades fronteiriças, ela recebe a condição de vir ativar temporariamente os espaços que ocupa, provocar sentidos em que transitoriamente perpassa. É uma potência de ser, ou de não ser. É desse jeito, um objeto de estudo que movimenta o pensamento, articulando uma cidade em fluxo e não uma cidade fixa, que cruza singulares universos, cultivando em si a diferença entre aquele que faz dele potência ou não.

Nesse sentido, torna-se valioso aproximar tal intervenção artística à concepção de para-formal⁶, sendo este, um espaço de cruzamento, em que as atividades exercidas e o ambiente geram descontinuidades, e as vezes, fugas na própria cidade.

Estamos usando el neologismo “para-formal”, artificial y provisorio, algo relativo a la forma pero que no es ella misma. Evitamos tomar lo formal y lo informal como adjetivos o atributos fijos; intentamos introducir alternativas locales y especificas, adentrándonos en los más “reales” procesos de formación, transformación, deformación, in- formación. (...) Lo formal y lo informal son sólo polos ideales de una actividad menos delimitable, de una acción mixta y heterogénea, que llamamos para-formal. Lo para-formal es el lugar de cruce de lo formal o formado y lo informal o en formación. Lo para-formal es el lugar de cruce de lo previsible y lo imprevisible. (GPA, 2010, p. 18)

O para-formal é aqui, a busca de experimentação das frestas, dos interstícios, explorando o campo do meio, do entre: a fronteira. Cidade em formação, em prolongamento, degradação, processos e conflitos. Logo, a prática artística volta-se para espaços não regulados, produzindo acontecimentos que subvertem (mesmo que minimamente) a construção do desenho original urbano, instigando transformações na maneira de como pensar, e sobretudo, como estar na cidade.

⁶ Para-formal é um conceito criado pelo grupo de pesquisa Gris Público Americano: grupo de pesquisa da Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo da Universidade de Buenos Aires). Ações que se encontram na travessia entre o formal (que é formado) e o informal (em formação).





Figura 3: Rastro do toque (2016) Eduardo Rocha e Lorena Maia

No momento em que o lambe (enquanto dispositivo para-formal) atravessa uma rotina qualquer, pode vir a produzir estranhamento, lentidão, deslocamento sem programação. É provocação que palpita a modificação na experiência do transeunte com os espaços de passagem, com os lugares do entre, com infinitos instantes lúdicos que abram uma relação de coisas que lidam com o infraordinário, com miudezas do mundo. Quando pregado em um muro, o lambe conversa com os espaços circundantes, se transforma a medida em tem contato, rasgo, estrago, apagamento.



Figura 4: Atravessando rotinas do entre (2016) Mariana Corteze

Ao se preocupar em inventar uma estratégia expansiva dos espaços não vistos, de vias latentes que resgatam uma ocupação sensível urbana, sua ocupação poética depende de um sistema de reverberações de trocas, constituindo uma região que será sempre transformada, em lances progressivos. Arte que questiona limites, deslocar fronteiras, provocar situações inconstantes. Construir passagens produtivas, viagens repletas de percepções pulsantes que desaguam em trocar e relações cheias daquilo que nos faz. Creio que no fim dessa viagem, mais firmemente do que antes, juntos construímos um só plural. Uma multiplicidade rara de ser. E agora, já não sou eu mesma: *soy nosotros*.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: O Globo, 2003.
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
_____. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo; Editora 34, 2012.
GPA: GRIS PÚBLICO AMERICANO. **Para-formal: ecologias urbanas**. Buenos Aires: Bisman Ediciones; CCEBA Apuntes, 2010.
ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Porto Alegre: L&M, 2009.

